

A crise do neoliberalismo

The crisis of neoliberalism

Pedro Henrique Schneider Parreiras¹

Publicado em 2011 por Gérard Duménil e Dominique Lévy, *The Crisis of Neoliberalism* finalmente recebeu uma versão brasileira em 2014. Apesar da lacuna de três anos desde a sua publicação, o livro ainda se mostra essencial para aqueles que almejam compreender os determinantes que levaram à maior crise financeira desde a Grande Depressão. Com riqueza de dados quantitativos, mas sem deixar de lado a já tradicional influência marxista, os autores constroem a macrotrajetória dos EUA ao longo das décadas neoliberais até a derradeira crise atual, descortinando, por fim, a frágil estrutura financeira e a trajetória econômica insustentável norte-americana, pilares da crise. Os autores dão sequência aos argumentos de obras passadas como os artigos *Neoliberal Income Trends: Wealth, Class and Ownership in the USA* (2004) e *Neoliberalismo - Neo-imperialismo* (2007) que já apresentavam o neoliberalismo como um projeto de restauração do poder das classes de alta renda, mas avançam ao demonstrarem que o neoliberalismo e suas características estão diretamente relacionadas com a hegemonia dos Estados Unidos.

O livro é constituído de nove partes com o intuito de se estabelecer uma visão cronológica dos processos que levaram à crise financeira iniciada em 2007. A abordagem dos autores começa com a origem e desenvolvimento do neoliberalismo para podermos compreender os imperativos que levaram à crise, passando por uma análise minuciosa da crise financeira, para finalmente, tratarem acerca de possíveis cenários para o pós-crise. O foco do livro é os Estados Unidos, berço da crise e hegemona da ordem neoliberal.

Na primeira parte, intitulada *A estratégia das classes altas norte-americanas no neoliberalismo: sucesso e fracasso de uma empreitada audaciosa* procura apresentar o neoliberalismo não como um fenômeno conjuntural das décadas de 1970 e 1980, mas sim como uma nova fase na evolução do capitalismo moderno, mais precisamente, a terceira fase, ou a segunda hegemonia financeira. Desta maneira, o próprio neoliberalismo é visto como um processo que modifica as dinâmicas do capitalismo em benefício das camadas mais altas de renda, com objetivos de classe condizentes com estas novas dinâmicas. Sendo assim, os autores propõem que a própria origem da crise pode ser atribuída aos objetivos do neoliberalismo, mas sem a desvincular da própria hegemonia dos Estados Unidos no mundo.

A segunda parte, *O segundo reino das finanças: classes e instituições financeiras* desenvolve a ideia do neoliberalismo como um fenômeno de classe, um fenômeno em prol do alto da pirâmide. Esta ideia é defendida com fatos empíricos, como o aumento da renda total do 1% mais ricos nas décadas neoliberais, o aumento da renda real do mesmo percentil da população no mesmo período, assim como o aumento das remunera-

1. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da PUC Minas.

ções no setor corporativo (5% mais ricos), enquanto o grosso da população via o seu poder de compra estagnado. Desta forma, não chega a surpreender quando os autores demonstram a explosão na taxa de lucro das corporações financeiras nas décadas de 1990 e 2000, garantidas pelo aumento vertiginoso no preço das ações e na renda de capital.

Na parte três, *Uma configuração tripolar de classes: quebra da homogeneidade de remunerações e rendas*, é primeiramente demonstrado como o padrão gerencial, voltado para a organização das empresas, estabelecido após a Segunda Guerra Mundial e a aliança de classes entre a classe gerencial e classe popular, foram substituídos por uma gerência voltada para as finanças e uma aliança de classes entre a classe gerencial e a classe capitalista, ambas em busca de altas rendas. Com este processo, o Estado de bem estar é descartado, mas não o Estado em si. O Estado (agora neoliberal), como instrumentos da aliança de classe dominante, ainda é central para a garantia do status quo. Na sequência, os autores constroem as bases teóricas para um modelo, de inspiração marxista, baseado nas três classes já citadas: classes populares, classes gerenciais, classes capitalistas. As configurações e alianças entre estas classes podem resultar em compromissos mais ou menos para a direita ou para a esquerda, geralmente em respostas às crises do capitalismo.

A parte quatro, intitulada *Financeirização e globalização: levantando barreiras, perdendo o controle*, trata da década anterior à crise, caracterizada por um intenso processo de financeirização através do surgimento e “aperfeiçoamento” de mecanismos financeiros como as alavancagens e os derivativos. Tais processos aliados ao cenário após o ano 2000 – caracterizado pelo aumento do comércio internacional e crescente déficit norte americano, a livre mobilidade internacional de capital, e a globalização das instituições e mecanismos financeiros – juntaram-se ao processo de desregulação financeira, ini-

ciado na década de 1970, com o intuito de alcançar altas rendas. Este processo criou um cenário onde a estrutura financeira fragilizou-se e tornou-se pouco funcional, no qual as macropolíticas acabaram por perder sua capacidade de estabilizar o sistema.

Tendências neoliberais: a macrotrajetória dos Estados Unidos, título da parte cinco, aponta para a trajetória insustentável da economia dos EUA ao longo da era neoliberal, nada mais do que consequências do próprio neoliberalismo sob a hegemonia norte americana. De acordo com os autores são cinco os componentes desta trajetória: 1- o déficit crescente na balança comercial dos EUA, 2- como consequência do primeiro ponto, o financiamento da economia dos EUA pelo resto do mundo, principalmente a China, 3 – aumento da demanda por parte das famílias, principalmente das famílias de alta renda, 4 – o endividamento crescente das famílias, com destaque ao vertiginoso crescimento das hipotecas, e por último, 5 – a tendência decrescente de investimento interno. Essa trajetória insustentável da economia dos EUA mais a fragilidade da estrutura financeira constituíram-se nos determinantes que levaram à crise.

Já a parte seis, *Do boom imobiliário à crise financeira: a macroeconomia dos Estados Unidos após o ano 2000*, tem como objetivo expor as razões para os altos níveis de endividamento interno dos EUA. Os vastos investimentos em tecnologia da informação que marcaram os anos 1990 seguraram a macroeconomia dos EUA até a recessão de 2001. O boom imobiliário possibilitou a recuperação econômica, basicamente através do drástico aumento dos empréstimos hipotecários. Tal aumento foi acompanhado por uma securitização sem precedentes das dívidas hipotecárias através de mecanismos ao mesmo tempo complexos e instáveis. Quando o sistema financeiro apresentava os primeiros sinais que desabaria, ainda em 2005, já era tarde demais. As políticas monetárias tentadas pelo FED não sur-

tiam efeito, deixando o alto escalão das instituições financeiras norte americanas perplexos.

A parte sete, *Crise financeira: tempestade no centro, capitalismo global abalado*, trata da crise propriamente dita. Com riqueza analítica Duménil e Lévy mostram como se deu o colapso do setor financeiro dos EUA e os subsequentes abalos na Europa. Quatro períodos da crise podem ser identificados: 1 – o ponto de inflexão nos mercados imobiliários (janeiro de 2006 a agosto de 2007), caracterizado pela inadimplência hipotecária e a desvalorização dos títulos *subprime*, 2- crise do setor financeiro dos EUA (agosto de 2007 a setembro de 2008), marcado pela crise de liquidez e pelas primeiras falências no setor financeiro, 3 – crise global e a contração da produção (setembro de 2008 a fevereiro de 2009), e 4 – estabilização da economia no baixo nível alcançado (a partir de fevereiro de 2009). A crise acabou por gerar uma reorganização do setor financeiro dos EUA através de falências e aquisições. Gigantes como Lehman Brothers e Morgan Stanley faliram. Outros como a AIG e o Citigroup só não seguiram pelo mesmo caminho graças ao socorro federal. As agências Fennie Mae e Freddie Mac passaram a ser controladas pelo governo. Trilhões de dólares foram gastos para socorrer o “livre mercado” financeiro. Apenas até 2007, com o arrocho do crédito, já se havia perdido 14% do PIB norte americano.

Na parte oito, *A sombra da grande depressão: transições difíceis*, os autores voltam seu olhar para o passado no intuito de encontrar paralelos entre a crise de 1929 e a crise atual, assim como para tentar encontrar indicativos acerca dos futuros desdobramentos do possível pós-crise de 2007-08 (um novo New Deal?). Nesse exercício analítico, Duménil e Lévy encontram paralelos surpreendentes entre as duas crises da hegemonia financeira. O principal deles: a incapacidade do Federal Reserve em conter a crise nas duas ocasiões.

Por fim, a parte nove, *Uma nova ordem social e global: a economia e a política do pós-crise*, é caracterizada por um exercício especulativo acerca do futuro do capitalismo após a crise de 2007. Após divisarem uma reconfiguração das relações internacionais em uma ordem multipolar, mais precisamente agrupada em torno de uma estrutura atlântico-asiática, os autores apontam como o cenário mais realista um novo compromisso à direita, desta vez com a classe gerencial no comando, denominado “capitalismo neogerencial”. Uma configuração com grande potencial para a mudança, mas, mais uma vez, não favoráveis às classes populares.

A obra de Duménil e Lévy apresenta importantes avanços com relação a outras obras que se debruçaram sobre o neoliberalismo e a crise de 2008. O surgimento de novos mecanismos financeiros com a virada neoliberal e o desenrolar de seus efeitos ao longo da década de 1990 já haviam sido demonstrados por Peter Gowan em *A Roleta Global* (1999). Já em *A Crise do Neoliberalismo* a evolução de tais mecanismos é descortinada com o intuito de demonstrar a fragilidade de uma estrutura prestes a ruir sob o peso de um montante jamais imaginado de capital fictício. A própria definição de neoliberalismo como um projeto para restauração do poder das classes de rendas altas, lançada pelos próprios autores em obras anteriores e que vieram a influenciar David Harvey, chega a um nível argumentativo surpreendente através da construção de uma trajetória de classe desde o fim da Segunda Guerra Mundial até os primeiros sinais da maior crise desde a Grande Depressão. Desta forma, *A Crise do Neoliberalismo* coloca-se como leitura essencial para todos que almejam uma compreensão crítica não só da crise de 2008, mas também do próprio neoliberalismo sob a liderança norte-americana.

Os efeitos da Grande Contração (como os autores se referem à atual crise) ainda estão em vigor, mas mesmo o pior já tendo passado, a crise

iniciou uma nova fase no capitalismo global cujos desdobramentos ainda são nebulosos. No entanto, Duménil e Lévy não se furtam a questionar acerca dos possíveis cenários pós-crise, chamando a nossa atenção para as possíveis reestruturações nas alianças de classe que já podem estar em curso. A mensagem é clara: a luta de classes ainda continua a mover o capitalismo.

Referências

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. Neoliberal Income Trends: Wealth, Class and Ownership in The USA. *New Left Review*, v. 30, p. 105-133, 2004.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. Neoliberalismo-Neo-imperialismo. *Economia e Sociedade*, v. 16, n. 1, p. 1-19, 2007.

DUMÉNIL, Gérard; LÉVY, Dominique. *A Crise do Neoliberalismo*. São Paulo: Boitempo, 2014.

GOWAN, Peter. *The Global Gamble: Washington's Faustian Bid For World Dominance*. London: Verso, 1999.

Recebido em: 27/08/2015
Aprovado em: 14/10/2015